

Os desafios da educação profissional e tecnológica no pós-pandemia em relação aos (novos) interesses do leitor

The challenges of professional and technological education in the post-pandemic in relation to the (new) interests of the reader

Glória Maria Vasconcelos Amaral
Elza Ferreira Santos

521

Resumo: Este artigo trata dos desafios no pós-pandemia apresentados no âmbito da educação, em especial, na Educação Profissional e Tecnológica. E pretende investigar um problema notado na biblioteca do campus Aracaju, do Instituto Federal de Sergipe - a queda no número de empréstimos de livros nos meses seguintes à pandemia da COVID-19. Para tanto, além de revisão bibliográfica, foi realizada coleta de dados qualitativos para responder à pergunta: após a pandemia, os alunos da biblioteca do campus Aracaju estão com menos interesse pelo livro físico? Com o trabalho desenvolvido notou-se que houve considerável queda no número de empréstimos de livros físicos realizados no período posterior à pandemia, quando comparado ao anterior a seu início. Em contrapartida, os livros digitais começam a ganhar relevância.

Palavras chave: Educação Profissional e Tecnológica; Pós-pandemia; Biblioteca; Leitor.

Abstract: This article addresses the challenges faced in the post-pandemic period in education, especially in Professional and Technological Education. It aims to investigate a problem noted in the library of the Aracaju campus of the Federal Institute of Sergipe - the drop in the number of book loans in the months following the COVID-19 pandemic. To this end, in addition to a bibliographic review, qualitative and quantitative data were collected to answer the question: after the pandemic, are students at the Aracaju campus library less interested in physical books? The work developed showed that there was a considerable drop in the number of physical book loans made in the period after the pandemic, when compared to before its onset. On the other hand, digital books are beginning to gain relevance.

Keywords: Professional and Technological Education; Post-pandemic; Library; Reader.

Introdução

Cada pandemia enfrentada pela humanidade trouxe novos rumos ao mundo e mudanças significativas às sociedades de seu tempo, introduzindo novas concepções conforme o contexto histórico, econômico e social de cada período e região afetada.

A pandemia da COVID-19 destacou o papel da tecnologia e seu potencial para apoiar a população mundial em meio a uma realidade repleta de novos hábitos, como o distanciamento social, que antes não se imaginava ser possível lidar. Sem os recursos tecnológicos, o mundo teria dificuldades para



enfrentar a situação e manter o funcionamento das diversas esferas sociais e econômicas.

as tecnologias contribuíram significativamente para que muitas coisas funcionassem de forma remota, ou seja, sem que as pessoas precisassem se locomover ao trabalho, escola, faculdade e até supermercados. Subitamente as empresas de forma emergencial tiveram que buscar nas tecnologias uma forma de continuar executando as suas atividades para que o impacto econômico fosse menor (Araújo, 2020, p.1).

522

Essa foi uma pandemia que impactou diversas áreas da sociedade global e encontrou na ciência sua principal aliada para seu enfrentamento e possíveis resoluções. No entanto, muitos desafios ainda persistem em diferentes setores. A Educação, por sua vez, passa por um momento crucial de adaptação e assimilação das mudanças geradas por esse período turbulento e transformador.

Situações disruptivas como a pandemia Covid-19 forçam a transformação, de modo a reconfigurar a sociedade. Mudanças estão sendo consolidadas na educação com inovações da tecnologia, estabelecendo-se o digital como um aliado na construção do conhecimento. São essenciais mais capacitações e investimentos para melhor apoiar as atividades pedagógicas a distância e consolidar as metodologias ativas e seus fundamentos nesse processo (Dallabrida; Oliveira; Arruda, 2023).

O presente texto utiliza-se de revisão bibliográfica e da coleta de dados na perspectiva de uma abordagem quantiqualitativa, com a finalidade de investigar um problema notado na biblioteca do campus Aracaju, do Instituto Federal de Sergipe, a saber: a queda no número de empréstimos de livros nos meses seguintes à pandemia. A análise foi realizada baseando-se nos dados coletados e com enfoque interpretativo, de forma que ao analisá-los, as pesquisadoras levaram em conta diversas interpretações, incluindo sua própria perspectiva e a compreensão do pensamento subjetivo dos participantes (Bogdan; Biklen, 1994).

Após esta introdução, o artigo se organiza em quatro seções: a primeira seção aborda, brevemente, os reflexos da pandemia na educação. A segunda, traz um recorte sobre a importância da leitura na vida do estudante e para a Educação Profissional e Tecnológica, em busca de seus objetivos. A terceira apresenta os dados obtidos e uma interpretação gerada a partir deles. Por fim,



as considerações em torno do que é, após o retorno das aulas presenciais, o índice de empréstimo de livros físicos e o de acesso aos livros digitais

Reflexos de uma pandemia

Vive-se em novos tempos, rumos que foram ditados pela luta para sobreviver a uma pandemia de proporção mundial. A COVID-19, causada pelo novo coronavírus, surgiu em dezembro de 2019. Após sua rápida disseminação pelo mundo e a constatação de que se estava enfrentando uma pandemia, a OMS (2020) declarou emergência internacional, no dia 30 de janeiro de 2020.

Foi um período marcado por crises em várias esferas, não somente na saúde. Quando a doença atingiu um grande número de pessoas “diversos países restringiram a liberdade de locomoção e atividades dos cidadãos, trazendo impactos significativos na saúde, economia, educação e nos índices de desigualdades na população (Maclean; Hitchings, 2020, p. 279)”. Assim sendo, muitos países, como é o caso do Brasil, ainda não se recuperaram totalmente dos efeitos dessa crise.

Com a pandemia e o uso emergencial de todos os recursos disponíveis para a adaptação ao novo estilo de vida, novos hábitos surgiram e muitos aspectos da rotina foram diretamente alterados. Embora, possa-se identificar o que mudou, o mundo não estava preparado para lidar com tantas novidades. O fato é que, agora, as consequências são diversas, e ainda é preciso mais tempo para investigar essas mudanças, que ocorreram em um momento em que o mundo clamava por ajuda e precisava continuar funcionando de alguma forma.

Durante o estágio de adaptação às mudanças, estava-se também convivendo com o medo, toda uma população aterrorizada com a iminência de contrair o vírus, contaminar seus familiares, passar pelo desespero do internamento em hospital (caso houvesse leitos à disposição), e enfrentar o risco de morte. Essa sensação permanente de medo, todos os dias, todas as horas, no exercício de todas as atividades diárias, agravada pela manutenção constante dos cuidados higiênicos para evitar contrair o causador de todo esse pânico, foi, certamente, uma experiência que a humanidade há muito não experimentava.

Em outros períodos da História da humanidade, o medo prevalecia instaurado na sociedade - o medo do fim do mundo assombrava quem vivia na



Idade Média, por exemplo. Isso porque fatores culturais, religiosos e da realidade daqueles povos influenciavam nesse sentido. À época, a Igreja católica tinha muito interesse em manter esse medo do fim e o da punição na população. O medievalista francês Georges Duby abordou temas como esse, embasado em um estudo profundo sobre esse período:

Tudo o que parecia ser um desregramento na natureza era considerado um sinal anunciando os tormentos que deviam preceder o fim do mundo. Dou um exemplo: todo o mundo pensava que, segundo a vontade divina, a trajetória dos astros é regular. O surgimento de um cometa, isto é, de uma irregularidade, suscitava a inquietação (Duby, 1998, p.17).

O próprio medo de pandemias assolava a população medieval. Contudo, nos tempos atuais, não se vivia na expectativa de acontecimentos desse tipo. Nas décadas que antecederam essa última pandemia, as pessoas apenas viviam - trabalhavam, estudavam etc.-, muitas tentando sobreviver aos infortúnios da desigualdade social no mundo; no entanto, nenhum medo aterrador do inesperado pairava sobre a humanidade, como em outras épocas.

A pandemia da COVID-19 trouxe essa sensação de medo de forma repentina e drástica - separou as pessoas, interrompeu o trabalho, paralisou a educação, provocou pânico constante na rotina de uma população que não estava acostumada a parar. Difícil imaginar que o mundo precisaria encontrar formas para seguir sem o contato físico, sem o espaço físico do trabalho e da escola. Mas, isso se tornou real. E a realidade tão inimaginável recorreu aos recursos tecnológicos, já existentes há um bom tempo, mas nunca tão necessários como nesse período de emergência.

Dessa forma, conseguiu-se perceber ser possível viver sem o contato físico, que as interações sociais poderiam ser mantidas, que o trabalho poderia ser executado, embora não houvesse a presença física, e que o estudo poderia chegar aos alunos, mesmo à distância. Assim se desenvolveram o trabalho remoto e o ensino remoto no contexto da pandemia.

O Governo Federal, por meio da Portaria nº 343 (Brasil, 2020), estabeleceu o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como uma alternativa para manter as atividades educacionais. A utilização de tecnologias que viabilizam a educação online possibilitou que as instituições de ensino continuassem a



oferecer oportunidades de aprendizado aos alunos, mesmo diante de desafios e precariedades. Souza (2022, p. 33) explica como funcionou o ensino nessa realidade:

O ensino presencial físico foi adaptado para os meios digitais, em que a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades sendo disponibilizadas em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), ou por outro meio de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula on-line, o que se chama de “presença virtual”, e em momentos assíncronos, em que existe a troca de informações entre os alunos e entre professor e estudantes. Essa foi a forma como foi projetada a presença por meio da tecnologia.

À época, instituições de ensino passaram a usar os termos Educação à Distância e Educação Online, como maneira de conceituar o que vinha sendo empregado. Em razão disso, faz-se necessário explicitar as diferenças existentes entre ambas para deixar claro que não são a mesma forma de educação, a fim de que seja possível gerenciar suas percepções e credibilidade. A autora Edméa Santos elucida os significados:

A educação online é o conjunto de ações de ensino e aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais. [...] Quando diferenciamos a educação a distância (EAD) da educação online, é uma tentativa de contextualizar e tratar a educação online de um lugar diferenciado. Do lugar de um contexto sócio-histórico e cultural, onde computador/internet são instrumentos culturais de aprendizagem [...] A EAD é uma modalidade educacional historicamente mediada por mídias de massa (impressos, audiovisuais em geral), que não liberam o polo da emissão. Assim, os aprendentes interagem com o desenho e os materiais didáticos sem cocriar, juntamente com seus colegas e professores, o conhecimento. As mídias de massa não permitem interatividade no sentido do mais comunicacional, do cocriar a mensagem. Por conta do limite da mídia de massa, a modalidade a distância privilegia pedagogicamente os conceitos de ‘autoaprendizagem’ e ‘autoestudo’. O sujeito interage com o material e aprende por esta mediação. A aprendizagem colaborativa não é vivenciada pelo aprendente. Neste modelo, a qualidade dos processos é centrada no desenho didático ou instrucional, geralmente instrucionistas. A interação social, quando acontece, é de um para um, ou seja, professor/aluno – aluno/professor (Santos, 2010, p. 44).

O ensino remoto, adotado durante o período pandêmico, deparou-se com uma série de desafios e novidades. O processo de ensino e aprendizagem passou a ser mediado pela tecnologia, além do tradicional estudo dirigido que se manteve ativo; ademais, a própria distância física entre alunos e professores também se configurou como uma experiência nova e determinante para os reflexos do ensino na pandemia.

Um dos principais problemas percebidos pelos professores e muito sentido por parte dos alunos foi a dificuldade de acessibilidade, tendo em vista que com a mediação online ela se fazia indispensável. Como destacam Barin; Rodrigues; Cordenonsi; Menegatti; Garcia, (2020, p. 12) acerca de uma realidade bem recorrente na pandemia: “Esse fato pode comprometer o acompanhamento dos estudantes, que nem sempre possuem um equipamento que lhes permita assistir às aulas e realizar as atividades propostas”. Esse comprometimento pedagógico ainda pode contribuir para o acirramento das desigualdades sócio-econômicas.

Outro aspecto relevante a ser citado foi o desafio da transposição de saberes, barreira encontrada por grande parte dos professores que se viam obrigados a planejar aulas a fim de administrar e aplicar seus conteúdos de uma maneira muito diferente da tradicional. Os docentes precisaram aprender como manter os alunos interessados por suas aulas num universo de ensino totalmente desconhecido. “Esse desafio tornou-se mais evidente pela falta de fluência tecnológico-pedagógica, de modo a propiciar aos professores saber criar conteúdos digitais de forma diferenciada promovendo o engajamento dos estudantes.” (Barin; Rodrigues; Cordenonsi; Menegatti; Garcia, 2020, p.33).

Entretanto, a transposição de saberes tornou-se realidade, e a transmissão de conhecimento através dos recursos tecnológicos disponíveis acabou ocorrendo, evidenciando outra dificuldade mais presente: a construção de saberes, haja vista que os estudantes e professores no âmbito virtual estão fora de seu ambiente natural,

suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso (Kenski, 2013, p. 67).



Bem antes da pandemia, já se conhecia a necessidade de adequação do processo educativo, de modo a introduzir as TDICs na formação dos professores e no cotidiano escolar dos estudantes. Freitas (2010) destacou que professores e alunos precisam ser letrados digitais, apropriando-se criticamente da tecnologia, compreendendo e atribuindo-lhe novos significados e funções. O letramento digital deve ser compreendido não apenas como consumir tecnologia, mas também implica formar cidadãos digitais que saibam navegar e interagir com a tecnologia de maneira crítica, ética e responsável, contribuindo de forma criativa para a construção de novos conhecimentos e práticas pedagógicas.

Quando menciona a Pedagogia dos Multiletramentos, Rojo (2012) recorda a necessidade de a escola tomar para si a responsabilidade de ensinar os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, o que é crucial em um contexto cada vez mais influenciado pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Portanto, o currículo escolar, precisa ser sensível às culturas que compõem a sala de aula, preparando os estudantes não somente para estar no mundo digital, mas também para compreender e dialogar com as diversas culturas que coexistem na sociedade globalizada.

Assim sendo, a partir do momento em que se desenvolvam ações, visando promover a troca de comunicação entre alunos e professores para, desse modo, realizar mudanças nas instituições que ampliem a melhoria do processo de ensino e aprendizagem nas escolas, muito pode ser alcançado nesse sentido (Fernandes; Isidorio; Moreira, 2020).

Para Rojo (2012), os desafios para implementação de uma proposta assim estão em: (a) o que fazer quanto à formação/remuneração/avaliação de professores; (b) o que mudar (ou não) nos currículos e referenciais, na organização do tempo, do espaço e da divisão disciplinar escolar, na seriação, nas expectativas de aprendizagem ou descritores de “desempenho”, nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula. É um caminho longo a ser percorrido, contudo, a autora considera que os desafios ficam menores se houver a adesão dos professores e alunos a essas ideias.

Após a pandemia, muitos hábitos e recursos tecnológicos permaneceram em uso, integrando-se ao ambiente educacional. Percebe-se então, que o ensino se apropriou dos avanços em tecnologia e compreendeu



que ela não tende a ser destruidora de modelos anteriores de ensino, e sim, pode ser utilizada no processo de ensino-aprendizagem, e disponibilizada na execução do processo educativo e na sala de aula de forma concomitante, complementar, de acordo com a necessidade de tempo, lugar ou do estudante. (Souza, 2022).

Assim, hoje, tornou-se imprescindível integrar práticas pedagógicas às práticas (ciber)culturais para alcançar resultados mais significativos para os alunos. Isso implica aproveitar as tecnologias e mídias digitais com as quais eles já estão familiarizados, incorporando-as de maneira produtiva ao ambiente educacional. As preconizações da competência geral de número cinco da BNCC, já demonstrava esse olhar e intenção em:

criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva Brasil, 2018, p. 9).

Destarte, a pandemia acelerou esse processo. Diante, então dos desafios expostos e a realidade vivenciada, parece importante analisar e discutir alguns pontos referentes às transformações imprimidas no ensino-aprendizagem e, principalmente, no que isso soou como reflexo nos estudantes e seus hábitos de acesso a conteúdo para obter conhecimento.

Em vista disso, no pós pandemia, algumas manifestações vêm sendo observadas e, dessa maneira, acabou-se percebendo uma queda significativa no movimento da biblioteca do campus Aracaju, do Instituto Federal de Sergipe, no que se refere a empréstimos de exemplares de livros físicos - o que gerou o surgimento de algumas hipóteses: Após a pandemia, os estudantes poderiam estar mais habituados a buscar conteúdos rápidos em plataformas de vídeo online; eles teriam agora uma tendência maior a estudar por slides e materiais prontos resumidos do que diretamente nos livros, ou seja, na fonte do conhecimento. Essas são algumas possibilidades que podemos levantar para reflexão. À vista disso, neste artigo, pretendemos investigar se os estudantes estariam agora menos interessados pelo livro físico, seja ele técnico-didático ou de literatura.



A importância da leitura na Educação Profissional e Tecnológica

A leitura desempenha um papel fundamental no ensino ao estimular a interdisciplinaridade, ligando diversas áreas do conhecimento e enriquecendo a formação dos alunos. Esse processo está em consonância com os princípios da Educação Profissional e Tecnológica, que destacam o trabalho como princípio educativo e a formação integral do ser humano. Logo, a leitura se torna um instrumento crucial para desenvolver a politecnicidade, preparando os alunos não apenas para profissões específicas, mas também para serem cidadãos críticos e atuantes na sociedade (Costa; Ribeiro, 2023).

O surgimento dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a partir da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, trouxe à sociedade uma opção de formação mais próxima ao conceito de politecnicidade, posto que teria a Educação Integral como prioridade em sua oferta de ensino. “A ideia de formação integral remete à formação do homem na sua totalidade, levando em consideração seus aspectos sociais e cognitivos” (Machado; Severo, 2015).

É fundamental oferecer conhecimentos que expandem a visão de mundo das pessoas. Nesse sentido, acredita-se que cultivar um hábito de leitura crítico e reflexivo pode desempenhar um papel importante na construção desse saber. A leitura pode trazer uma série de benefícios ao estudante, não só no período de aprendizagem na escola, mas para a vida, permitindo que ele se torne um ser capaz de interpretar o mundo, com capacidade crítica e condições de transformar a sua realidade e a de seu meio. Dessa forma, cultivar esse hábito enriquece o vocabulário, potencializa a memória e desenvolve o pensamento crítico, características que diferenciam os humanos (Freire, 2008).

Na Educação Profissional e Tecnológica, a leitura pode ser aliada na busca pelos objetivos da formação que se pretende alcançar, ela é indispensável e determinante para a omnilateralidade, um dos conceitos fundamentais sustentados pela politecnicidade, para romper a dualidade na formação para o trabalho. Segundo Frigotto (2001), entender o trabalho como um princípio educativo é reconhecer que, desde a infância, os indivíduos compartilham suas experiências na busca de satisfazer suas necessidades físicas e sociais. O trabalho, mediado pelo conhecimento, ciência e tecnologia,



possui uma dimensão ontocriativa, permitindo que os indivíduos recriem sua existência e transformem a natureza para sua sobrevivência.

Com base no que foi exposto, considerando a importância do hábito de ler na EPT, objetivou-se investigar o interesse pela leitura no pós-pandemia, no campus Aracaju, um dos dez campi do Instituto Federal de Sergipe. Para tanto, ouviu-se, informalmente, discentes e docentes, a fim de obter um diagnóstico em relação a alguns pontos relacionados à adaptação no retorno às aulas presenciais e a hábitos referentes à leitura. Entretanto, o aspecto que mais chamou a atenção foi percebido na biblioteca do campus Aracaju, quando se tornou possível observar na prática diária, a diminuição na busca por empréstimo de livros físicos.

A partir dessa constatação, realizou-se uma consulta a relatórios do sistema pertencente à biblioteca do IFS, para auferir dados mais concretos concernentes aos empréstimos, com a intenção de gerar alguma resposta sobre a impressão. É o que será abordado na próxima seção deste artigo.

A pesquisa

Em 28 de março de 2022, as aulas presenciais retornaram no campus Aracaju, do IFS, após o período de afastamento social, estabelecido por causa da pandemia do coronavírus. Nos meses seguintes ao seu retorno, uma das pesquisadoras, servidora do IFS, a qual exerce suas funções na biblioteca do campus Aracaju, identificou que a busca por empréstimos de exemplares de livros físicos estava menos intensa do que no período anterior à pandemia. Ela buscou compartilhar essa percepção com os colegas de trabalho, que demonstraram ter a mesma sensação.

Tendo como base essa percepção, a pesquisadora decidiu investigar alguns aspectos com alguns estudantes e professores do turno noturno, no qual ela trabalha. Por meio de conversas informais na própria biblioteca, nos corredores do campus e em algumas salas de aula, buscou-se colher relatos de alunos e professores a respeito do que sentiram e vivenciaram após a pandemia, no retorno às aulas.

Entre as explicações, alguns professores disseram ter apresentado apreensão antes das aulas presenciais, comparando a sensação a do início de



suas vidas na docência; outros informaram sentir preocupação com a desmotivação dos alunos após o retorno, pois uma parte deles vinha manifestando o desejo de retornar às aulas remotas.

Em meio aos estudantes, alguns descreveram períodos de dificuldade de adaptação para situações simples em sala de aula, inclusive destacando a presença de desconforto ao terem que mostrar os rostos, já que nas aulas online as câmeras na maior parte do tempo podiam ficar desligadas. Nessas conversas, relatos positivos, também, foram colhidos, como declarações de que durante a pandemia alunos sentiram falta de estar na biblioteca e de ter acesso a livros físicos para estudar - isto eles relacionaram à dificuldade que têm de ler livros digitais.

Ainda, por meio de conversa informal, porém, previamente agendada com os alunos do Ensino Superior - curso noturno de Tecnólogo em Saneamento Ambiental, de uma turma de 22 estudantes, na qual 12 estavam presentes no momento da consulta, foi possível obter algumas informações que já revelaram algum diagnóstico.

Quanto à frequência que mantinham na biblioteca, dos 12 estudantes, 11 eram assíduos. Entre eles, 10 disseram que a frequentavam porque não dispunham de livros em casa e um disse que sua frequência devia ao fato de ser a biblioteca um espaço ideal para leitura. Todos eles faziam regularmente empréstimos de livros.

Foi perguntado também a eles se agora, no retorno às aulas presenciais, ainda visitam a biblioteca e com que frequência fazem isto. De acordo com suas respostas, apenas um manteve a frequência de visitas e de empréstimos. Um disse ter aumentado a frequência. Mas o maior número afirmou ter diminuído as idas à biblioteca. Considerando que eram estudantes do curso superior, os livros que eles mais solicitaram empréstimo eram técnicos, que abordam o conteúdo das disciplinas. Apenas três estudantes buscavam livros literários. E fazendo um recorte de apenas os discentes que leem literatura, dois afirmaram ter diminuído suas idas à biblioteca do campus Aracaju.

Quando todos os estudantes foram indagados sobre o porquê da diminuição nas idas à biblioteca, a maioria alegou ter perdido, de certa forma, o interesse; outros disseram não ter percebido, anteriormente, essa mudança de hábito; e dois asseguraram usar mais material digital para obter conhecimento.



Portanto, não foi possível saber se eles substituíram a leitura na versão digital ou se perderam ou diminuíram o gosto pela leitura e passaram a adquirir conhecimento de outras maneiras mais facetadas ou ainda por recursos em audiovisual.

Feita uma breve análise sobre a turma de Saneamento Ambiental, buscamos dados mais gerais sobre a relação de empréstimos de livros dos estudantes do campus Aracaju. E com a finalidade de obter dados menos subjetivos para avaliar a hipótese, consultamos relatórios do Pergamum, o sistema adotado pelas bibliotecas do Instituto Federal de Sergipe. O Sistema Pergamum é uma ferramenta de gestão de informação que permite pesquisar, solicitar e gerir empréstimos de livros, e-books, normas e outros materiais disponíveis em bibliotecas, arquivos e museus. O Pergamum foi criado pela PUCPR e está em uso há mais de 20 anos. A Rede Pergamum foi criada com o objetivo de permitir que as pessoas consultassem o acervo de várias instituições por meio de um único site¹

Antes de iniciar a revelação dos números, convém informar que no primeiro mês de retorno da biblioteca ao funcionamento com ¹atendimento ao público, após o período pandêmico, ou seja, a partir do dia 28 de março de 2022, o sistema Pergamum apresentou alguns problemas técnicos de funcionamento, o que impossibilitou a vários alunos a realização de empréstimos na biblioteca. Posteriormente, os problemas foram aos poucos sanados pelo setor de Tecnologia da Informação, do campus Aracaju.

Os relatórios demonstraram que no comparativo entre os quatro meses que antecederam a pandemia - 16 de novembro de 2019 a 16 de março de 2020 - e os 4 meses seguintes ao retorno pós-pandemia - 28 de março de 2022 a 28 de julho de 2022 - apresentou-se o seguinte cenário em relação à realização de empréstimos:

Quadro 1: realização de empréstimos no pós-pandemia

PERÍODO	FREQUÊNCIA
março e abril de 2022	30% a menos de empréstimos do que antes da pandemia

¹ Informações no site pergamum.pucpr.br



abril e maio de 2022	60% a menos de empréstimos do que antes da pandemia
maio e junho de 2022	40% a menos de empréstimos do que antes da pandemia
junho e julho de 2022	35% a menos de empréstimos do que antes da pandemia

Fonte: autoras (2024)

A média indica que a quantidade de empréstimos caiu por volta de 40% do que se fazia antes da pandemia. Destaca-se que o período anterior à pandemia supracitado foi consultado da mesma forma, por períodos de dois meses.

Ainda, outros dados gerados por relatórios do Pergamum, com o intuito de saber o que estudantes consumiram, indicaram as classes de livros que mais foram emprestadas em ambos os períodos analisados acima. Nos quatro meses anteriores à pandemia, a classe de Cálculo Diferencial - Cálculo Integral foi a mais procurada pelos usuários da biblioteca, tendo sido realizados 502 empréstimos. A classe referente à literatura que mais saiu como empréstimo foi a de Romance Brasileiro, vindo em sétimo lugar no total e tendo 144 empréstimos. Nos quatro meses posteriores à pandemia, a classe de Turismo obteve o primeiro lugar, com 330 empréstimos e, de literatura, Romance Brasileiro ocupou o quinto lugar, com 137 empréstimos realizados. A seguir, os quadro 2 e 3 para melhor entendimento dos dados.

Quadro 2: período anterior à pandemia

CLASSE DE LIVROS	COLOCAÇÃO	QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS
Cálculo Diferencial - Cálculo Integral	1°	502 exemplares
Romance brasileiro	7°	144 exemplares

Fonte: autoras (2024)

Quadro 3: período posterior à pandemia

CLASSE DE LIVROS	COLOCAÇÃO	QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS
Turismo	1°	330 exemplares



Romance brasileiro	5°	137 exemplares
--------------------	----	----------------

Fonte: autoras (2024)

Algumas conclusões podem ser tiradas a partir dos dados qualitativos e quantitativos que conseguimos ter acesso. A primeira constatação significativa foi a que indicou 11 dos 12 estudantes entrevistados declarando que frequentavam a biblioteca antes da pandemia - o que reflete um número bastante expressivo. Em seguida, outro resultado substancial demonstra que esses estudantes sentiram a necessidade de ter acesso aos livros físicos da biblioteca, durante a pandemia.

Um fator relevante verificado foi o que indicou que todos os estudantes que frequentavam a biblioteca antes da pandemia, faziam-no, entre outras possibilidades, para realizar empréstimos de exemplares de livros. Após isso, a resposta à pergunta de número 4 confirmou a queda na frequência de ida à biblioteca e, conseqüentemente, na realização de empréstimos por parte dos alunos entrevistados.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em sua 6ª edição, identificou o crescimento do número de pessoas que leem livros digitais no aparelho celular - de 73% em 2019 para 75% em 2024 - (Instituto Pró-Livro, 2024, p. 100). Por outro lado, a porcentagem de pessoas que leem livros digitais no computador e em tablets, diminuiu. O aumento no uso de celulares e a redução dos demais dispositivos para leitura acompanha a tendência do uso desse dispositivo para acessar a Internet, entre os internautas brasileiros com 10 anos ou mais. Ler livros recorrendo a internet no celular começa a se tornar um hábito.

No entanto, sabemos que o acesso a aparelhos digitais ainda é desigual e a internet não é uma realidade acessível a todos do âmbito educacional. Garofalo (2022) explicita que muito se diz sobre inserir a tecnologia e a inovação nas práticas pedagógicas, contudo, é necessário compreender o cenário de abismo digital no Brasil, que está relacionado à desigualdade de acesso à internet, infraestrutura inadequada – comprovada por censos – e a educação deficitária que limitam as opções no âmbito pedagógico.

Aqui no IFS, ocorreram editais oriundos da Assistência Estudantil em que foram emprestados tablets a discentes e bolsas concedidas com a finalidade pagar os custos das contas dos aparelhos celulares no período de



pandemia. Certamente isso fomentou o uso desses aparelhos para leitura. Mesmo depois, os discentes continuam recebendo os tablets e ficam com eles até concluírem o curso.

Outro dado da Retratos da Leitura no Brasil corresponde à ideia aqui discutida: indica que a leitura em redes sociais como Facebook ou Instagram é mais frequente entre pessoas de 14 a 29 anos, justamente a faixa etária que compreende os estudantes (Instituto Pró-Livro, 2024, p. 38). Esse mesmo consumo intenso das redes sociais no tempo livre pode determinar uma queda no número de leitores no comparativo dessa pesquisa. O tempo de tela aumenta, mas o número de leitores cai: de 2019 para 2024, no Brasil, ele passa de 100,1 para 93,4 milhões. E quando lembramos que em 2015 eram 104,7 milhões, torna-se um dado ainda mais alarmante.

A escola também passa a influenciar cada vez menos na escolha literária dos estudantes - somente 4% dos entrevistados estavam lendo alguma indicação escolar, percentual que era de 10% em 2019 e de 25% em 2011. E o espaço da escola não é mais um ambiente em que crianças e jovens costumam ler livros - em 2007, 35% liam na escola, passou para 23% em 2019 e agora chega a 19% (Instituto Pró-Livro, 2024). Tudo isso de certa forma corrobora com a diminuição de empréstimos para livros numa biblioteca escolar.

Em nossa pesquisa, conforme a base nas taxas geradas pelo relatório do sistema utilizado pela biblioteca, concluiu-se que a percepção diária sentida na biblioteca, a respeito da diminuição de empréstimos realizados, foi confirmada. No entanto, observou-se que a procura por livros de literatura apresentou apenas uma discreta queda e não refletiu a drástica falta de interesse demonstrada pelos alunos com quem foram realizadas as conversas e a entrevista.

Considerações Finais

Podemos concluir que nem todas as transformações impostas pela pandemia na educação apresentam aspectos negativos, muitas são o resultado do caminhar das décadas e exigem aperfeiçoamento. Entretanto, muitas dessas mudanças, por terem sido estabelecidas num período atípico, de



extrema urgência e adaptação, exigem certa cautela e análises incansáveis quanto a que efeitos podem causar para as futuras gerações.

O fato de que uma pandemia muda o mundo é totalmente compreensível e esperado, todas as pandemias já existentes trouxeram mudanças significativas às sociedades de suas épocas. O cenário da tecnologia e da ciência socorrendo o mundo também não nos surpreende, porém os meandros que estão envoltos nas consequências que podem advir dessas transformações, no que diz respeito à invasão massiva da tecnologia em várias nuances da educação e, principalmente, no processo de ensino-aprendizagem, representa, parece-nos, a faceta com a qual devemos ter mais destreza em dosar e melhor aproveitar.

Entretanto, sem dúvida, em meio a uma geração que surgiu na cibercultura, em que basicamente boa parte de seus hábitos baseiam-se nela, já era chegada a hora de se pensar em educação utilizando-se dos recursos tecnológicos com propriedade.

Neste trabalho, a coleta informal de opiniões e a obtenção de dados estatísticos possibilitam-nos um diagnóstico primário, abrindo as portas para novos estudos, a fim de adquirir respostas concretas para o fenômeno que vem ocorrendo - a diminuição de empréstimos de livros na biblioteca do campus Aracaju, do Instituto Federal de Sergipe - e para descobrir de que outra forma esses alunos acessariam o conteúdo senão nos livros físicos. Destarte, também é de extrema importância que os livros digitais e os recursos em audiovisual sejam considerados aliados, mais do que nunca após a pandemia. No processo de ensino e aprendizagem, eles precisam ser utilizados como ferramentas dos dias atuais.

Foi interessante notar, por exemplo, que os livros de literatura não tiveram uma queda significativa na procura. Pessoalmente na biblioteca, é perceptível observar que muitos estudantes leitores ainda fazem questão de vivenciar a experiência de ler um livro físico. Muitos ainda não abrem mão dessa sensação.

Enfim, com este trabalho finalizado não podemos ignorar a necessidade de compreender a que mudanças do pós-pandemia devemos nos render e com as quais devemos ainda ter algumas ressalvas.



Referências

ARAÚJO, Jardeson Maciel. **Benefícios da tecnologia em tempos de pandemia**. In: Conexão Unifametro, Fortaleza-CE, 2020. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/conexaounifametro2020/trabalho/167697>. Acesso em: 15 de ago 2024.

BARIN, Cláudia Smaniotto; RODRIGUES, Jairo Manzoni; CORDENONSI, Adriana Zanki; MENEGATTI, Fernando; GARCIA, Tainan Silva. **Desafios do ensino remoto na educação profissional e tecnológica**. v.9, n.1, p.21-35, 2020. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1869>. Acesso em: 03 ago de 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 03 de ago 2022.

BRASIL. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus — COVID-19. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, [ano 157], n. 53, p. 39, 18 mar. 2020. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 03 de ago 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de novembro de 2018, Seção 1, pp. 21-24. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>. Acesso em: 02 de out. 2024.

DALLABRIDA, M. M., OLIVEIRA, T. M. S. de ., & ARRUDA, M. P. de. Educação (remota) on-line e Covid-19: experiência de professores na educação médica mediada por metodologias ativas. **Revista Brasileira De Educação Médica**, 2023. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.1-20220098>. Acesso em: 02 de out. 2024.

DIEMER, Odair; MORAES, Átila Alexandre de. **Bases históricas da criação dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no Brasil**. Volume 20 especial, pp. 238-247, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2178-2911.2019v20espp238-247> (acessado em 02 de agosto de 2022).

DUBY, Georges. **Ano 1000, Ano 2000: na pista dos nossos medos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

FERNANDES, Ana Paula Campos; ISIDORIO, Allisson Roberto; MOREIRA, Edney Ferreira. Ensino remoto em meio à pandemia do COVID-19: panorama do uso de tecnologias. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E**



TECNOLOGIAS – CIET, 2020, São Carlos. Anais Eletrônicos [...]. São Carlos, 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1757>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 335-352, 2010.

538

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, 2001.

GAROFALO, Débora. Desigualdades de acesso na era digital, os obstáculos ainda presentes. **Revista Educação**. EDIÇÃO - NOVEMBRO/DEZEMBRO. Publicado em: 08 ago. 2022. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/08/08/desigualdade-de-acesso-digital/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil, 6ª Edição Pesquisa**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6a ed. Papirus Editora, 2013.

MACHADO, Érico Ribas; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Educação Integral e Pedagogia Social: Reflexões Aproximativas Com Base No Contexto Brasileiro**. Journal of Latinos and Education, 14:116–124,(2015). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15348431.2015.1007735?journalCode=hjle20> acesso em: 02 de ago 2022.

MACLEAN, Mavis; HITCHINGS, Emma. Unprecedented times: some thoughts on the consequences of the COVID-19 pandemic from a family and social welfare law perspective. **Journal of Social Welfare and Family Law, Abingdon-on-Thames**, v. 42, n. 3, p. 277-280, July 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09649069.2020.1796219?needAccess=true>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 12 de out. 2022.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



SANTOS, Edmea Oliveira dos; SILVA, M. A. **A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa**. In: TORRES, Patrícia Lupion (org.). Ciência, inovação e ética: tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento. 1. ed. Curitiba: SENAR AR-PR, 2021. v. 1, p. 67-91.

SOUZA, Osmar da Silva. **O podcast como elemento de suporte ao ensino presencial pós-pandemia: a experiência do curso integrado de Redes de Computadores – Campus Lagarto (IFS)**. 2022. 100 f. Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROfEPT) - Instituto Federal de Sergipe - IFS, Aracaju, 2022.

Sobre as autoras

Glória Maria Vasconcelos Amaral

gloria.amaral830@academico.ifs.edu.br

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Sergipe. Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é Técnico- Administrativa do Instituto Federal de Sergipe.

Elza Ferreira Santos

elza.ferreira@ifs.edu.br

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É docente titular do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Membro Permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFS. Líder do grupo de pesquisa Educação Profissional e Tecnológica CNPq/IFS.

